

Ações educativas: decifrando objetos, colecionando histórias

Wellington Luiz Silva, Creuza Daniely dos Reis, Luiza N. Maia,
Jonathan Philippe F. B. dos Santos, David C. Oliveira, Júlia L. Maciel,
Paula N. Andrade, Bárbara F. Paglioto, Sibelle C. Diniz

Uma coleção de objetos os mais diversos. Sobre cada um deles, uma biografia, sua produção, seu uso, sua evolução técnica, os motivos e a importância da sua conservação e exposição. Na relação com o público, biografias cruzadas, memórias, estranhamento, outras narrativas e sentidos para além dos previstos. A exposição “Colecionar o mundo: objetos + ciência + cultura”, como o próprio título permite imaginar, representou um desafio à equipe educativa, por sua pluralidade e potencialidades. Uma coleção que traz a materialidade do ensino e da pesquisa em diversas áreas do conhecimento, simbolizando essa universalidade que compõe a Universidade. As atividades educativas se estruturaram, então, a partir da noção da coleção e da memória como lugares de constituição de narrativas, de conexões, de produção de conhecimento, de reflexão e de afeto.

Diante deste universo, vários exercícios possíveis. O primeiro deles, pensar sobre o lugar dos objetos nos acervos dos museus e fora deles, o que foi proposto na atividade *Museu Imaginário* e na seção *Legere Oculis*. Em diálogo com a coleção de objetos expostos, na atividade Museu Imaginário uma caixa cheia de pequenos objetos (conchinhas, pedras, fotografias, brinquedos) era um convite à construção de narrativas a partir de coleções, como a constituição de um “mini museu”.

Já a seção *Legere Oculis* era um espaço expográfico que se destinava a expor coleções dos próprios visitantes, como conjuntos de selos, cartões postais, pedras, etc. A exposição dessas pequenas coleções comuns instigava outros visitantes a expor seus conhecimentos sobre os objetos de seu interesse e a perceber que, seja quem guarda somente a memória de suas coleções de infância, seja quem as mantém conservadas em locais especiais ou ainda quem sonha em, um dia, iniciar alguma coleção, todos somos colecionadores e, sendo assim, somos todos especialistas e estudiosos de objetos.

Outro exercício importante, o de reter a atenção sobre uma ou algumas peças específicas, foi trabalhado em duas atividades. A oficina de *Animação com massinha* serviu de mote para apresentarmos, especialmente às crianças, a história e o

funcionamento de uma truca cinematográfica mecânica, sua relação com a magia da animação, em particular o *stop-motion*, em paralelo às possibilidades dos recursos digitais a nós tão familiares na atualidade. Já a brincadeira *Caça aos vestígios pelo museu* conseguiu criar uma conexão entre alguns objetos do acervo de etnografia com temas abordados em outras salas de visitação do Espaço do Conhecimento UFMG, extrapolando a própria exposição em uma discussão sobre culturas enquanto expressões diversas e únicas.

Como exemplos de abordagens nas coleções artísticas, dois recortes foram propostos. Na atividade *Colecionando Lugares - Minha Paisagem*, cinco obras representando paisagens foram selecionadas, chamando atenção às técnicas, cores e formas, segundo o estilo de cada artista – Sabará, de Yara Tupinambá; Ouro Preto, de Wilde Lacerda; Frevo, de Augusto Rodrigues; Faculdade de Odontologia, de Juarez Rodrigues e Santa Catarina, de Pedro Weingartner – para tratar dessa representação de lugares a partir de elementos que nos marcam e de como os traduzimos em uma imagem. O olhar dos participantes era convidado a se ater ao empaste das pinceladas, aos craquelês do envelhecimento da pintura a óleo, às ranhuras da madeira evidentes na xilografia. Na etapa *mão na massa*, foi proposto que cada um retratasse um lugar que gostou de conhecer utilizando o material ou técnica de preferência, seja colagem, guache, desenho em giz etc. Já na oficina de *Gravura*, o objetivo era discutir desde a sua importância histórica, por exemplo, para a impressão tipográfica, até seu valor artístico, o funcionamento desta técnica específica e suas variações, como a xilogravura, a litogravura e a gravura em metal. O EVA, como base para recorte ou para a caneta esferográfica, foi o material escolhido para a prática da técnica na oficina, atraindo tanto adultos quanto crianças de várias idades.

Outro grande tema em exposição, as coleções taxonômicas, chamavam a atenção por sua importância científica e socioambiental enquanto ferramenta de estudo de ambientes em constante transformação e dos impactos dessa dinâmica para a biodiversidade. A mineração foi identificada como um tema capaz de exemplificar essas transformações e foi o mote para diálogos com os visitantes, sobre suas

memórias, percepções e projeções para o futuro, nas atividades *A vista que sonhamos* e *Bestiário do “novo” Rio Doce*. Na primeira, ao abordar a coleção do quartzito canga, a ênfase recai sobre as paisagens em si, em um contraponto entre os cenários pós-mineração e outras “vistas” possíveis e desejáveis. Por sua vez, a coleção da bacia do Rio Doce permite uma reflexão sobre os impactos do desastre ambiental de Mariana em 2015, em especial sobre a fauna. Como estariam todos aqueles animais ali representados pelas amostras taxonômicas após o desastre? Disto parte a ideia de um “bestiário” que permitia refletir e, ao mesmo tempo, soltar a imaginação. Uma visitante, por exemplo, catalogou o animal “tatupó”, metade tatu, metade aspirador de pó, que sugaria toda a lama ao longo do leito do rio.

Para além das atividades e oficinas, ocorreram o que chamamos de *Aulas abertas* na exposição, com a participação de professores especialistas em temas específicos relacionados a algum dos objetos expostos. As aulas eram momentos formativos, tanto para a própria equipe educativa quanto para o público em geral. O professor Loque Arcanjo, por exemplo, a partir de um dos exemplares exposto do “Boletim Latino Americano de Música”, editado e publicado entre 1935 e 1946, abordou diversos aspectos da vida e obra do musicólogo Francisco Curt Lange, bem como divulgou o significativo Acervo Curt Lange, que contém cartas a intelectuais, partituras, livretos de óperas, instrumentos e outros objetos. O professor evidenciou como o acervo pode ajudar na construção da narrativa histórica, pois as cartas e as publicações ajudam a entender as pautas que eram tendência no mundo musical e político naquele momento no Brasil.

O professor José Carlos Oliveira, ligado ao Centro de Memória da Engenharia, além de apresentar um computador dos anos de 1960 e seu funcionamento, propôs a oficina *Telégrafo: a internet do século XIX*, que apresentou a história do telégrafo e da comunicação à distância, além de um modelo para comunicação por meio do código Morse, capaz de simular a transmissão feita pelos telégrafos. As mensagens, codificadas em Morse, podiam ser transmitidas de uma extremidade à outra do protótipo ao se acenderem e apagarem pequenas lâmpadas. O impacto da atividade, que deixou o público vidrado, passava pela desmistificação das tecnologias. “Às vezes estamos tão acostumados com tudo pronto, que voltamos a ser criança quando deparamos com algo que parece primitivo, mas que contém um grande potencial de conhecimento e tecnologia avançada”, relata um mediador participante.

Essa exposição deixa como legado uma coleção de boas histórias contadas pelos seus visitantes, seja a da senhora que comia tatu, a da criança que queria colecionar amor puro, a do menino que gostava de jogar no computador e se surpreendeu com um dos modelos dos primeiros computadores, a dos visitantes Pataxós com seus conhecimentos sobre diversas espécies das coleções taxonômicas, ou mesmo a do funcionário da segurança que contou orgulhoso que, de tanto “tomar conta”, se tornou um mediador da exposição.

Outro legado foram as produções de ilustrações, inspiradas no painel de ilustrações científicas, nas quais o público se aventurou a representar o que mais gostou da exposição. Os desenhos produzidos pelos visitantes foram expostos em um grande mural da sala de oficinas, no mesmo andar da exposição, integrando-se, de certa maneira, ao próprio lugar expográfico.

Por fim, vale deixar registrada a significativa presença do público da própria comunidade acadêmica, entre os quais muitos que tiveram a oportunidade de visitar o Espaço do Conhecimento UFMG pela primeira vez, atraídos pelos objetos de seu cotidiano de pesquisa e trabalho e que se admiraram, não só por vê-los ali expostos, mas também ao ver tantas outras peças, de outros contextos acadêmicos, que nunca tinham tido a oportunidade de conhecer.